Volume II

Quinta Parte – 5c

Algumas Características quando funcionamos no nosso Corpo de Desejos entre os vivos

Retornando. Com todas essas tentações de viagens, de diversão e de sociedade e desse grande mundo, tal era a nossa predileção insaciável pelo "lugar bonito de nossa infância" e por todas as suas associações, que nosso maior prazer era viver nossa velha vida repetidamente, e fazer Gogo, Mimsey, nossos pais, primos e o Sr. Major repassarem seus velhos passos mais uma vez; e relembrar novos velhos passos para eles o que, às vezes, éramos capazes de fazer, a partir de fragmentos perdidos e esquecidos do passado; caçar era o esporte mais emocionante do mundo.

Nossa ternura por essas amadas sombras aumentou com a familiaridade. Pudemos ver todo o encanto, toda a bondade e gentileza desses nossos queridos pais e mães com os olhos de uma experiência amadurecida, pois já estávamos quase na mesma idade deles; nenhuma outra criança poderia dizer tanto desde o início do mundo, e quão poucos pais jovens poderiam suportar tal escrutínio como o nosso.

Ah! o que não teríamos dado para extorquir apenas uma centelha de reconhecimento, mas isso era impossível; ou se pudéssemos ser capaz de sussurrar apenas uma palavra de advertência, o que teria alertado os golpes iminentes do destino inexorável! Eles poderiam estar vivos agora, talvez – na verdade, velhos, porém, honrados e amados como nenhum outros pais anteriores. Como tudo teria sido diferente! Ai de mim! ai de mim!

E de todas as coisas no mundo, nunca nos cansamos daquela caminhada pela avenida e pelo parque e pelo Bois de Boulogne até o Mare d'Auteuil; passear ali vagarosamente em uma tarde de início de primavera, bem a tempo de passar uma ou duas horas em sua margem no alto verão e observar o velho castor, os besouros, os girinos e salamandras, e ver os sapos pularem; e depois voltando para casa ao anoitecer para a antiga sala de aula da minha casa; e então de volta à guerra, bem iluminado "Magna sed Apta" ao luar pela avenida na véspera de Ano Novo, com neve até os tornozelos; tudo isto em poucas horas.

Ventos e climas de sonho – que encantamento! E tudo real!

Chuvas suaves acariciante e que não nos molham se não desejarmos; geadas intensas que nos envolvem, mas nunca esfriam; sóis ardentes que não queimam nem deslumbram.

Ventos fortes do início da primavera, que parecem varrer através de nossas estruturas sólidas, e nos emocionam até a medula com a velha emoção heroica e o êxtase que conhecemos tão bem na infância feliz, mas não podemos mais sentir agora quando acordamos!

Brisas suaves de verão, pesadas com o cheiro de bosques franceses abandonados, campos e jardins em plena floração; ventos fortes, suaves e úmidos equinociais, soprando dos longínquos pomares de Meudon, ou dos antigos jardins do mercado de Suresnes em sua deterioração no outono e carregados, embora, não sabemos por que, com estranha, misteriosa e perturbadora reminiscência muito sutil e elusiva para ser expresso em qualquer língua – doce demais para qualquer palavra! E, então, o vento sombrio de dezembro que vem do norte e traz os primeiros crepúsculos e a neve, e nos leva para casa, tremendo agradavelmente, até próximo a chaminé e as toras assobiando – para nós!

É a última noite de um Ano Velho – *véspera de Ano Novo*.

Com neve até os tornozelos, caminhamos até a quente e bem iluminada “Magna sed Apta”, subindo a avenida à luz da lua. É a neve dos sonhos e, no entanto, a sentimos amassar sob nossos pés; porém, quando nos viramos para olhar, os rastros de nossos passos desapareceram – e não projetamos sombras, apesar da Lua Cheia!

M. le Major e Yverdon, o carteiro, e Père François, passa com seus grandes tamancos e, também, outros, mas suas pegadas permanecem – e suas sombras são fortes e nítidas!

Eles desejam um ao outro os elogios da temporada, conforme eles se encontram e vão passando; eles não nos desejam nada! Damos a eles *Feliz Ano Novo* no mais alto de nossas vozes; eles não nos dão a mínima atenção, embora nossas vozes sejam tão ressonantes quanto as deles. Estamos desejando a eles um “Feliz Ano Novo”, que amanheceu para o bem ou para o mal há quase vinte anos.

Lá vem Gogo dos Seraskiers, com Mimsey. Ele faz uma bola de neve e a joga. Ele passa através de mim e se espalha direto nas costas largas de Père François. “Ah, aquela pegadinha Sr. Gogo ... Espere um minuto!” e Père François retribui o elogio – novamente, direto através de mim ao que parece; e eu nem sinto isso! Mary e eu somos tão consistentes um para o outro, quanto carne e sangue seja capaz de nos formar. Não podemos nem mesmo tocar essas pessoas dos sonhos sem que elas se dissolvam no ar; podemos apenas ouvi-las e vê-las, mas isso na perfeição!

Lá se vai aquele pequeno André Corbin, filho do caminhoneiro, correndo por cima do muro escorregadio do jardim de Madame Pelé, que tem quase três metros de altura.

“Meu Deus”, grita Mary, “pare ele! Você não se lembra? Quando ele chegar ao canto, vai cair e quebrar as duas pernas!”

Eu corro e grito para ele:

“Desça então, homem infeliz; você vai quebrar as duas pernas! Pula! Pula!” ... Eu choro, estendendo meus braços. Ele não presta a menor atenção: chega à esquina, seguido de baixo por Gogo e Mimsey que estão muito perturbados com generosa inveja e admiração. Estimulado por seus aplausos, ele se torna mais temerário do que nunca, e até tenta ser engraçado e, apoiando em uma perna só, canta uma pequena canção que começa assim —

“Mamãe me deu quatro centavos

Para ir à feira,

Não para comer ou beber,

Aliás para me fazer feliz!”

Então, de repente, ele escorrega, pobre garoto, e quebra ambas as pernas abaixo do joelho em uma grade de ferro, tornando-se aleijado para o resto da vida.

Mamãe me deu quatro centavos

Toda essa pequena e triste tragédia se repete em uma véspera de Ano Novo. A multidão simpática se reúne; Mimsey e Gogo choram; chegam os pais de coração partido e o bom e pequeno doutor Larcher; e Mary e eu olhamos como criminosos, tão impossível que parece não achar que poderíamos ter evitado tudo!

Só nós dois estamos vivos e real em todo este estranho mundo de sombras, que parecem, tanto quanto podemos ouvir e ver, não menos real e vivos do que nós. Eles existem para nós; mas não existimos para eles. Existimos apenas um para o outro, acordados ou dormindo; pois mesmo as pessoas entre as quais passamos nossa vida em

vigília, não conhece mais nada de nós, e qual é a nossa verdadeira existência, do que o pobre André Corbin, que acaba de quebrar as pernas, por nós, de novo!

E assim, de volta a “Magna sed Apta”, ambos entristecidos por essa lamentável desventura, para meditar, falar e maravilhar-se com essas maravilhas; penetrado até o âmago do coração, por uma vaga sensação de algum vasto e misterioso poder, latente no subconsciente do indivíduo – desconhecido, não sonhado ainda, mas ligando-o ao Infinito e ao Eterno. E de quantas coisas sempre tínhamos que conversar!

Deus sabe, não sou uma pessoa que tem uma conversa brilhante, porém, ela era a pessoa mais divertida do mundo – interessava por tudo que me interessava, e eu me desanimei (para usar um de seus anglo-galicismos) do silêncio mal-humorado dos anos.

Dela como companheira não cabe a mim falar. Seria impertinente, e até ridículo, para uma pessoa na minha posição, dilatar os dons sociais da famosa Duquesa de Torres.

Entretanto, por incrível que pareça, a maior parte de nossa conversa foi sobre tópicos muito corriqueiros e da Terra – suas casas e refúgios, as dificuldades de seu manejo, sua eterna falta de dinheiro, seus muitos esquemas, planos e experimentos, fracassos e desencantamentos – pelos quais naturalmente tive um grande interesse. E então minha prisão, e tudo o que aconteceu lá – em tudo eu me interessei porque a ela, isso também interessava tão apaixonadamente; ela conhecia todos os cantos que eu conhecia, todos os detalhes da vida ali – o nome, a aparência e a história de quase todos os reclusos, e criticava sua economia interna com um conhecimento prático dos negócios; uma sagacidade empresarial com a qual nunca parei de me maravilhar.

Uma das minhas lembranças mais engraçadas é de uma visita que ela me fez pessoalmente, com alguns filantropos famosos de ambos os sexos. Fui entrevistado por todos eles como o prisioneiro modelo que, por sua heterodoxia, era um crédito para a instituição. Ela ouviu recatadamente minhas respostas inteligentes quando fui questionado sobre minha saúde física, etc., e perguntou se eu tinha alguma reclamação a fazer. Reclamações! Nunca o pássaro preso em uma gaiola ficou tão satisfeito com seu ninho – tão saudável, tão feliz, tão bem-comportado. Ela fazia anotações o tempo todo.

Oito horas antes, caminhávamos de mãos dadas pela Galeria Uffizi em Florença; oito horas depois, deveríamos estar nos braços um do outro.